

Invasão ou Ocupação? – a palavra em disputa na imprensa durante o movimento estudantil secundarista de 2015 nas escolas estaduais de São Paulo¹

Guy Pinto de Almeida Jr.²

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, São Paulo, SP

Resumo

Este estudo traz a compreensão de como o discurso jornalístico, a partir de reportagens sobre o movimento estudantil secundarista de 2015 no Estado de São Paulo, é também expediente retórico que busca produzir sentidos de manutenção do *status quo* ou de rebeldia em torno da questão. Foram analisados os lexemas ocupação e invasão e reestruturação/reorganização e fechamento em duas reportagens, uma da Folha de S. Paulo e outra do portal Jornalistas Livres. Observou-se que, em ambos os casos, são empregadas estratégias para a disputa de sentido na dinâmica social.

Palavras-chave: análise de discurso; comunicação; discurso jornalístico; linguagem; retórica;

Preâmbulo – a inquietação de um objeto que interpela pelo afeto

A realização deste trabalho foi influenciada a partir de uma inquietação. Para explicá-la, peço licença para redigir brevemente o texto em primeira pessoa do singular. Sinto esta necessidade, pois o objeto pelo qual fui interpelado surgiu de uma relação afetiva. Era o mês de novembro de 2015, quando cerca de 200 escolas estaduais de ensino fundamental e médio no Estado de São Paulo foram ocupadas por estudantes secundaristas, que exigiam a melhoria do ensino e o não fechamento de 94 escolas, como foi proposto pelo governo estadual (MONTEIRO, 2015).

Certo dia, quando várias escolas já se encontravam em estado de ocupação, deparei com a postagem de uma amiga no Facebook dizendo que a Escola Estadual Romeu de Moraes, no bairro da Lapa em São Paulo, havia sido ocupada e que os estudantes

¹ Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (PPGCOM-ESPM). Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Comunicação, discursos e biopolíticas do consumo da ESPM. guyalmeidajr@gmail.com.

necessitavam de mantimentos, produtos de limpeza, etc. A publicação me chamou a atenção, pois aquela era a escola na qual, em 1996, concluí o ensino fundamental.

Ao querer saber mais detalhes, questionei a postagem: “Foi invadida quando? Ontem? Como posso ajudar?”. Em alguns minutos uma terceira pessoa, interveio na conversa e, elegantemente, me corrigiu dizendo algo como: “Os alunos estão precisando xxx, yyy, zzz. E, cuidado, não é invasão, é ocupação”. Não lembro exatamente as palavras que ela utilizou, mas engoli ‘seco’ e fiquei refletindo sobre os sentidos de cada termo e como era empregado em cada situação.

Já em 2016, durante a disciplina Estudos de Comunicação e Linguagens, do meu curso de doutorado na ESPM, li o texto *Retórica da manipulação: os Sem-Terra nos jornais*, dos professores Maria Aparecida Baccega e Adílson Citelli (1989) que, relacionado ao episódio acima, me inspirou a escrever este texto para refletir sobre como os lexemas, ocupação e invasão, assim como reestruturação/reorganização e fechamento, produzem sentidos de manutenção do *status quo* e de rebeldia no contexto do movimento estudantil secundarista de 2015, no Estado de São Paulo. Paro por aqui este excerto em primeira pessoa do singular do texto.

Uma proposta de reflexão sobre o sutil jogo de linguagem

Neste estudo temos como objetivo a reflexão de como as palavras carregam significados, que estão para além delas próprias e fazendo parte de um “sutil jogo de linguagem” (BACCEGA e CITELLI, 1989, p. 25). É a partir das palavras que os contextos histórico, ideológico e simbólico são materializados, e refletem/refratam a realidade, produzindo efeitos de sentidos (BAKHTIN, 2006). Nossa intenção aqui é observar como se dá essa produção a partir dos textos da imprensa.

Para atingirmos nosso objetivo, buscaremos compreender a produção de sentidos dos discursos jornalísticos sobre o movimento estudantil secundarista, que em novembro de 2015, ocupou cerca de 200 escolas estaduais de ensino fundamental e médio no Estado de São Paulo, em oposição à proposta do governo estadual de fechar 94 unidades, sob o pretexto da reestruturação no ensino.

Não cabe a este estudo analisar a legitimidade do movimento e/ou se a proposta do governo é justa ou injusta. Intentamos por compreender a palavra enquanto signo ideológico e sua interação com a realidade, o filósofo Mikhail Bakhtin nos ensina:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo (BAKHTIN, 2006, p. 23).

Nosso corpus de análise será composto por uma reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* (em sua versão online) e outra do portal *Jornalistas Livres*, veículo de mídia independente. Interessa-nos compreender como publicações, de veículos com diferentes linhas-editoriais e composições institucionais, trabalham para e na produção de efeitos de sentidos dentro das dinâmicas do jogo de poder na sociedade e na mediação do homem e a realidade (BACCEGA, 1995, p. 28).

O instrumental teórico-metodológico utilizado neste estudo será a Análise de Discurso de linha francesa (ADF), a partir da qual teremos condições de compreender como os sentidos e o emprego dos lexemas (que compõem pares opostos) ocupação e invasão e reestruturação/reorganização e fechamento, tratam de expedientes retóricos que asseguram visões de mundo contrárias, no caso conservadoras e progressistas. Sobre a análise de discurso, a linguista Eni Orlandi aponta:

(...) não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p. 15).

Como mencionado acima, visamos compreender como a retórica está presente e atua no jogo de sentidos dos textos jornalísticos, sendo que o discurso é o instrumento da prática política (PECHÊUX *apud* ORLANDI, 1990, p. 28). Disso, depreendemos que o enlace entre a análise de discurso e a compreensão a retórica pode ser útil à nossa investigação.

Essa utilidade pode ser justificada pelo que propõe o professor e pesquisador Milton José Pinto: “A análise dos discursos, que se interessa particularmente pela disputa da hegemonia da palavra na sociedade, não deixa de ser, de certa forma, uma reflexão sobre a teoria e a técnica da retórica como prática social” (2009, p. 37-38).

Escolhemos os dois veículos, pois enquanto a Folha de S. Paulo representa uma voz tradicional do jornalismo, o Jornalistas Livres pratica o jornalismo alternativo. A partir da

análise dos discursos teremos noções da proximidade e dos distanciamentos que os veículos tiveram entre si, quando abordaram o movimento estudantil.

Escolhemos duas reportagens, que são as primeiras que cada um dos veículos publicou sobre o assunto. Da Folha de S. Paulo foi selecionada a reportagem *Estudantes mantém invasão de escola estadual em SP* e do portal Jornalistas Livres *Escolas ocupadas: a Fernão resiste*. Escolhemos esses textos, pois compreendemos que são amostras menos influenciadas pela disputa dos sentidos que a discussão tomou posteriormente, como no exemplo citado na abertura deste artigo.

Vale destacar que estamos trabalhando com reportagens ou textos jornalísticos do gênero informativo. A reportagem é, segundo explica o professor José Marques de Melo:

Relato ampliado de acontecimentos que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e o “tempo”, além da captação das “versões” dos “agentes”. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe (MARQUES DE MELO *apud* ASSIS, 2014, p. 442).

Entendemos em nossa análise que o processo de produção jornalística está submetido a algumas regras, que vão desde o valor-notícia, feito com base nos critérios de noticiabilidade do fato, até as condições de produção às quais o jornalista está sujeito. O professor Muniz Sodré reflete:

Em todo esse processo, o jornalista é apenas parcialmente autônomo, já que tem de obedecer às regras de um planejamento produtivo, assim como a uma concepção coletiva do acontecimento, que em parte o ultrapassa, fazendo com que a seleção das ocorrências informe tanto sobre o campo profissional do jornalismo quanto sobre o meio social a que se refere a notícia (SODRÉ, 2012, p. 26).

A análise – visões do mundo em forma de notícias

Antes de iniciarmos a análise dos discursos para a compreensão acerca da produção de sentidos dos textos, iremos propor um protocolo de análise, no qual, consideraremos o entendimento de como o emprego dos pares opositivos (invasão e ocupação; e reestruturação/reorganização e fechamento) trabalham em função de visões de mundo distintas, ou seja, como instrumentos retóricos para manutenção do *status quo* ou de rebeldia no corpo social. Após essa etapa, realizaremos uma síntese das duas análises.

Basearemos nossa análise no estudo dos enunciados e da enunciação, esta que, segundo Baccaga (2007, p. 53) é “um universo à disposição do indivíduo/sujeito que poderá

escolher nele as palavras (...)”. Decorre disso que, ao estudarmos os enunciados, estamos em contato com as palavras escolhidas pelos enunciadores (jornalistas e/ou personagens dos textos, em nosso caso) em uma situação única que representa a enunciação, ou um acontecimento definido no tempo e no espaço, como aponta Maingueneau (2006, p. 54).

Também será caro à nossa análise o conceito de Memória Discursiva (Interdiscurso), definida como “um conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um *discurso particular* entra em relação implícita ou explícita (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 286). A Memória Discursiva faz com que cada enunciado entre em contato com outros anteriores a ele, apropriando alguns sentidos, atualizando-os e ressignificando-os.

Outro conceito que levaremos em consideração em nossa análise é o de Formação Discursiva, definida por Orlandi como:

(...) aquilo que uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (...). O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro (...) (ORLANDI, 2009, p. 43).

A reportagem *Estudantes mantêm invasão de escola estadual em SP* (FOLHA DE S. PAULO, 2015) foi publicada nos primeiros dias da ocupação da Escola Estadual Fernão Dias Paes. Embora a escola não tenha sido a primeira a ser ocupada, foi a partir de sua ocupação que o tema passou a ter relevância jornalística, ou valor-notícia (SODRÉ, 2012), muito provavelmente por conta de estar localizada em Pinheiros, região nobre da cidade.

A reportagem traz um relato aprofundado dos acontecimentos relativos à ocupação até aquele momento (segundo dia da ocupação). É interessante notar que tanto o lexema *invasão*, quanto *ocupação* estão presentes no texto em diferentes instâncias hierárquicas do texto jornalístico: no título “Estudantes mantêm *invasão* de escola estadual em SP” (grifo nosso); e no Lide (do inglês Lead, ou o primeiro parágrafo do texto, que traz as informações básicas da notícia) “Estudantes mantêm a *ocupação* nesta quarta-feira (11) do prédio da escola estadual Fernão Dias Paes (...)” (grifo nosso).

Embora parecidos, não consideramos que esses dois enunciados possuam equivalência, ou relação de paráfrase (CHARADEAU e MAINGUENEAU, 2016, p. 366),

pois há entre eles um deslizamento de sentidos. Para sustentarmos esta tese, devemos considerar alguns aspectos da produção desses enunciados.

Devemos, antes de mais nada, considerar a posição deles no texto. Quaisquer palavras que estiverem no título de um texto jornalístico, possuem mais força que em outro local do texto. O título é o espaço nobre, pois tem função de chamar a atenção do leitor, sendo assim um local privilegiado do ponto de vista da economia da atenção da recepção em um texto jornalístico. Assim, estando o lexema invasão no título, podemos entender que se busca um efeito de sentido próximo ao sensacional, com uma estratégia persuasiva ou de manipulação para a manutenção do *status quo*, pois invasão liga-se à ilegalidade, como defendem Baccega e Citelli (1989). Entendemos que a construção do enunciado, sob este formato “permite às classes dominantes assegurar para si a propriedade da palavra” (BARTHES *apud* PINTO, 2009, p. 37).

Em tempo, vale citar que, muitas vezes, o título não é produzido pelo mesmo profissional que escreveu o texto, o repórter, mas por um editor. Porém, devemos levar em consideração as formações discursivas que atravessam o processo de produção jornalística. Independentemente de quem produz o texto, o discurso – que está para além do texto (ORLANDI, 2009) –, será condizente com a normatização da instituição jornalística, ou a chamada linha editorial. Dentre tantas condicionais das linhas-editoriais dos veículos, destacamos a ideologia, que se manifesta a partir dos sentidos produzidos. Sobre a ideologia, destacamos:

(...) é ainda relação ao poder que ela é considerada na perspectiva discursiva. Mesmo sendo necessária à concepção de discurso — não há discurso sem sujeito e não sujeito sem ideologia —, não é tal como ela se define no campo das ciências sociais que a concebemos. Não partimos da ideologia (como dissimulação, ou não, do real) para o sentido, mas procuramos compreender os efeitos de sentido a partir do fato de que é no discurso que se configura a relação da língua com a ideologia (ORLANDI, 1990, p. 36).

A ideia de invasão aparece em outro momento do texto, na fala de uma personagem, a dirigente regional da rede pública de ensino, conforme enunciado abaixo:

A dirigente regional do centro-oeste, Rosângela Aparecida de Almeida Valim, afirmou que uma parte dos alunos com camisetas da escola *invadiram o local e retiraram a diretora* e sua equipe por volta das 7h (FOLHA DE S. PAULO, 2015). (grifo nosso)

Ao trazer uma voz oficial como enunciadora, o texto se preza a garantir e promover o sentido de ilegalidade do movimento estudantil. Chama-nos a atenção também o trecho “retiraram a diretora”, no qual o sentido produzido é de que houve violência por parte dos estudantes, corroborando com a ideia de ilegalidade do movimento.

Quanto ao lexema ocupação, ele também está presente no texto, porém sem a mesma força persuasiva. Além do Lide, já mencionado, o lexema também dá nome ao primeiro intertítulo do texto. Pelos posicionamentos no texto, percebe-se ocupação possui uma força persuasiva menor em relação a invasão no texto analisado.

Quanto ao par opositivo (reestruturação ou reorganização do ensino/fechamento das escolas), referente à proposta do governo estadual para a educação, na reportagem apenas o lexema reorganização está presente.

Compreende-se que isso ocorre por conta dessa estratégia enunciativa de tratar o movimento como é ilegal, mostrando que a proposta do governo é algo necessário para a melhoria das condições educacionais para os estudantes, como no seguinte enunciado: “Estudantes mantêm a ocupação (...) em protesto à reorganização feita pelo governo Geraldo Alckmin (PSDB) nas escolas da rede (...)”.

Ao analisarmos esse enunciado soa muito estranho uma reorganização ser algo a ser digno de protesto, é justamente este o sentido-alvo da enunciação. Entretanto, a reportagem também traz relações parafrásticas em relação à medida do governo, como no final do seguinte enunciado:

Do lado de fora, cerca de 50 pessoas ligadas a movimentos sociais, como o *MPL* (Movimento Passe Livre) e *MTST* (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) chegaram por volta de 20h de terça (10) para uma vigília. No local, foram colocadas faixas com frases: “*A Escola é nossa*”, “*Não à desestruturação*” (FOLHA DE S. PAULO, 2015) (grifo nosso).

“*A Escola é nossa*” e “*Não à desestruturação*”, são enunciados que não partem do jornalista, mas se trata de um discurso direto (com aspas) de um outro enunciador. Isto ocorre para trazer à matéria a objetividade jornalística que têm como premissa do jornalismo ouvir os lados envolvidos nos fatos.

Nesses enunciados, percebemos que os discursos se remetem a outros do passado – Memória Discursiva –, especialmente ligados aos movimentos populares. O sentido produzido é de que a escola é do povo, assim como as ruas, a praça, ou seja, algo que lhe é de direito. Além disso, ao dizer que é uma desestruturação, está se dando um juízo de valor a estruturação proposta pelo governo.

Vale destacar também que nesse último enunciado, quando se fala em movimentos sociais, o jogo de sentidos é baseado no estereótipo da vadiagem. Ou seja, há um sentido implícito, que pode ser resumido com a seguinte pergunta: o que essas pessoas estavam fazendo ali, em um dia útil, sendo que não estava se falando de transportes (MPL) e de moradia (MTST)?

Embora, para o filósofo Adam Schaff, estereótipo não possa ser diretamente relacionado a preconceito, tampouco ser uma simplificação de sentido, pois sua função serve à economia do pensamento (SCHAFF, 1973, p. 136), compreendemos que ao fazer esta relação, os produtores do texto buscaram tachar os manifestantes como pessoas que estão ali pois não têm ocupação.

Sobre o lexema fechamento (ausente no texto), há sempre uma relativização da ideia, pois a força da palavra fechamento produz um efeito de sentido negativo. O enunciado que reflete/refrata esta ideia é: “(...) 94 unidades *deixarão de funcionar* para dar lugar a atividades como creche e ensino técnico (...)” (grifo nosso).

Em geral, a reportagem da Folha de S. Paulo produz sentido voltado para a manutenção do *status quo*, condenando o movimento estudantil e voltado para o convencimento de seus enunciatários de que ele não é legítimo.

Já no texto *Escolas ocupadas: a Fernão resiste* (TREVISAN, 2015), logo no título é colocada o lexema ocupação, ao passo que em nenhum momento do texto aparece o lexema invasão. Este expediente aponta que a enunciação promove a legalidade da atitude dos estudantes, visto que é um direito ocupar o que é do povo, neste caso a escola. Este fato reiteradamente destacado por todo o texto, como sugerem alguns enunciados:

- “Audiência de conciliação definirá rumos do movimento de *ocupação* das escolas estaduais de São Paulo.” (grifo nosso)
- “Os pais dos atuais alunos que *ocupam* a Fernão, muito ao contrário do bandeirante, se emocionam ao falar da força dos meninos e meninas acampados na escola.” (grifo nosso)
- “Fico muito feliz de ele estar hoje na luta na *ocupação* Fernão Dias. Me dá a sensação de que alguma coisa eu fiz certo e me dá esperança de um futuro melhor.” (grifo nosso)

Nesse último enunciado, que fala da mensagem da mãe de um estudante ao filho, percebemos ainda que, para além da questão de que a ocupação é algo correto, essa

participação política é algo valorizado e sintoma de esperança para o futuro. Percebemos que esse tipo de sentido produzido pelo enunciado faz parte da retórica promovida pela publicação. Ou seja, de que o movimento é algo justo e bom para a sociedade.

Há ainda o enunciado abaixo, que reforça ainda mais a ideia de que o movimento, além de ser bom para a sociedade está sendo reprimido pelo Estado e seus aparelhos de repressão, no caso a Polícia Militar:

Ocupada por estudantes, a maioria adolescentes, desde a manhã de terça-feira (10/11), a escola está isolada por fileiras de carros da PM, motos da Ronda Ostensiva de Apoio de Motocicletas (Rocam), homens da Força Tática e soldados da Polícia Militar armados. Do lado de dentro, alunos se revezam em vigília, cozinham e limpam o “Furnão”. Nada foi depredado (TREVISAN, 2015) (grifos nossos).

Vejam que a estratégia retórica enfatiza que os estudantes estão fazendo o bem pelas instalações e não depredando o que é público, ao contrário do estereótipo comumente utilizado na mídia para falar das manifestações populares.

Sobre a medida do governo, o par opositivo (reestruturação ou reorganização do ensino/fechamento das escolas), no texto eles coexistem, porém com vários enunciadores diferentes. Como em alguns dos enunciados:

- Na audiência de conciliação o juiz poderá determinar a suspensão dessa *reorganização* do sistema educacional do Estado de São Paulo até que sejam feitas diversas consultas públicas e sejam esclarecidas não só aos estudantes, mas aos pais, à sociedade, aos professores, o impacto da proposta”, explica Rildo Marques de Oliveira, presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (Condepe). (grifo nosso)
- “O projeto de Geraldo Alckmin prevê o *fechamento* de 94 escolas e a transferência de cerca de 311 mil estudantes para instituições de ensino na região onde moram”. (grifo nosso)
- “(...) declarou um dos alunos que *ocupam* a escola. Eles pedem que as medidas de *reorganização escolar* sejam amplamente discutidas com a população e não se baseiem em evidências burocráticas de espaços vazios.” (grifos nossos)

Vê-se, em linhas gerais, que a reportagem dos Jornalistas Livres sobre o movimento utiliza-se de instrumentos retóricos para consagrar uma visão de mundo baseada na rebeldia e no direito de manifestar dos estudantes.

Síntese das análises e considerações finais

Do ponto de vista da análise de discurso e do entendimento dos expedientes retóricos utilizados nos dois textos, podemos concluir que ambas as publicações buscam manipular ou persuadir seus públicos a partir das visões de mundo características de suas linhas-editoriais. Por conta disso, refletimos para o que Eni Orlandi fala sobre a neutralidade:

Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais cotidiano dos signos. A entrada do simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 9).

A partir do estudo dos expedientes retóricos percebemos que as visões dos veículos se distanciam ao promover a manutenção do *status quo*, no texto da Folha de S. Paulo, e rebeldia, em texto dos Jornalistas Livres.

Enquanto um veículo trabalha os sentidos em torno do que é direito do cidadão (Jornalistas Livres), outro trata a questão como um caso de baderna e ilegal. Esses aspectos mostram como as questões ideológicas e das dinâmicas de poder refletem/refratam no texto da reportagem jornalística, que embora tenha a premissa de não carregar opinião, é a todo momento atravessada pela subjetividade.

Para finalizar, gostaríamos de observar que ambos os textos, talvez por força de seus expedientes retóricos de manipulação, pouco ou nada dão espaço ao ‘outro lado’. Isso é comprovado pelo fato de estudantes não serem enunciadores no texto da Folha de S. Paulo, assim como autoridades da educação são apagadas no texto do portal Jornalistas Livres.

Referências

- ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira**. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.
- BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso: literatura e história**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____.; CITELLI, A. Retórica da manipulação: os Sem-Terra nos jornais. **Comunicação e Artes**, São Paulo, n. 20, p. 23-29, 1989.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FOLHA DE S. PAULO. Estudantes mantêm invasão de escola estadual em SP. **Folha de S. Paulo**, 11 Novembro 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1704798-estudantes-mantem-ocupacao-de-escola-estadual-em-sp.shtml>>. Acesso em: 13 junho 2016.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MONTEIRO, A. SP vai transferir mais de 1 milhão de alunos para dividir escolas por séries. **Folha de S. Paulo**, 23 Setembro 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/09/1685232-sp-vai-transferir-mais-de-1-milhao-de-alunos-para-dividir-escolas-por-series.shtml>>. Acesso em: 5 Junho 2016.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista**. São Paulo - Campinas: Cortez - Editora da Unicamp, 1990.
- _____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PINTO, M. J. Retórica e análise de discursos. In: LOPES, F. L.; SACRAMENTO, I.; (ORGANIZADORES) **Retórica e mídia – estudos iberos-brasileiros**. Florianópolis: Insular, 2009. p. 37-47.
- SCHAFF, A. Lenguaje y acción humana. In: SCHAFF, A. **Ensayos sobre filosofía del lenguaje**. Barcelona: [s.n.], 1973. p. 124-145.
- SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TREVISAN, M. C. Escolas ocupadas: a Fernão resiste. **Jornalistas Livres**, 13 Novembro 2015. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/2015/11/escolas-ocupadas-a-fernao-resiste/>>. Acesso em: 13 Junho 2016.